R. Fac. Dir. UFG, 13/14(1): 123-131, jan./dez. 1989-90

A FORÇA DA PALAVRA NA IMORTALIDADE ACADÊMICA

Getúlio Targino Lima*

El mundo de las luciérnagas
ha invadido mis recuerdos.
Y un corazón diminuto
me va brotando en los dedos[1]

Senhores acadêmicos,

Foi preciso esperar o momento certo, o tempo justo, a vibração exata para que pudesse, na linguagem de García Lorca, ver um coração diminuto brotar entre os dedos, estes dedos nervosos, caminheiros dos universos que as teclas negras de uma máquina antiga de escrever ocultam e revelam.

Não se pode, assim, temerariamente, bater à porta de um templo, sem, primeiramente, devassar o coração andejo, banhá-lo com as águas da humildade, perfumá-lo com os odores da paz, burni-lo com o buril do amor e só então aventurar-se nos corredores do mistério.

Com sutileza, argúcia e precisão, o poeta aconselha:

Tome um pouco de azul, se a tarde é clara,
e espere pelo instante ocasional.
Neste curto intervalo Deus prepara
e lhe oferta a palavra inicial.[2]

E não é outra a mensagem que o maior poeta de todos os tempos Davi, proclama, confirmando que o Senhor é bom, assim: "Busquei o Senhor e ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores. Contemplai-o e sereis iluminados e os vossos rostos jamais sofrerão vexame. Clamou este aflito, e o Senhor o ouviu e o livrou de todas as suas tribulações".[3]

---

* Professor da Faculdade de Direito da UFG.

Por isto, nesta fé e esperança, busquei o Senhor dos mundos, numa súplica de socorro. Não sabia como começar, não conhecia a marcha a ser encetada nesta messe de tão sobranceiras inteligências. Afogava-me os olhos a perspectiva desta luz, deste oceano de claridade intelectual.

Queria a palavra base, a palavra inicial; e Ele me sussurrou: *Amor*.

Amor que é de salvação ou de perdição, conforme o tenham utilizado as criaturas. Amor que, altruista, se distribui na realização do bem, da compreensão, da fraternidade, ou que, egoísta, tudo quer abarcar para si, numa devastadora fome sem termo final.

Amor que leva à vida, amor que leva à morte.

Amor puramente carnal, pelo qual homens e mulheres matam e se matam. Amor de eternidade, pelo qual se aceitam missões de humilhação e para cuja consecução se entrega até o último ceitil das economias do espírito, em prol do retorno à casa paterna.

E não foi outro o fenômeno que me trouxe a esta terra, que me incutiu no espírito o ideal do trabalho, que me observou, com oportunidade, os desvãos do destino, que me predestinou os caminhares por plagas tão diversas deste imenso país, como andarilho da esperança, buscando o seu ninho, almejando a sua alcova.

Menino ainda, mal saído dos sonhos que ainda nem sonhara, aportei minha barca de ideais, que nem ao menos sabia, em Porto Nacional, em 1.952.

Egresso da pequena mas valorosa Corrente, no sul do Piauí, onde fizera o curso primário em quatro séries, chegava à terra de Francisco Ayres. Aprendera, em minha terra, a necessidade de lutar com todas as forças para chegar ao desejado. E ali, de pronto, enfrentei o exame de admissão ao ginásio, obrigatório aos que, não tendo cursado a quinta série primária, desejassem ingressar no ginásio, matriculando-se no Colégio Estadual de Porto Nacional, para ser aluno do Prof. Maia, do Pe. Ruy, da dona Eulina, Hosterno Silva e tantos outros.

Andejo, fui ao Rio de Janeiro, voltei a Porto Nacional, vim para Anápolis, fui para Uberaba, segui para Belém, voltei para Anápolis e me fixei em Goiânia, sempre guardando a lição destas duas divinas e miraculosas palavras: amor, que aprendi de minha mãe, e trabalho, que vivifiquei em meu pai.

E neste jornadear me valeram estas duas estacas, ou melhor, estes firmíssimos moirões de aroeira fincados com a intenção de eternidade no solo de minha alma.

Era como que um traçado estranho e pitoresco, pelos meandros do destino, que me haveria de trazer a esta Academia, sob o patronato de

Raymundo José da Cunha Matos, marechal de campo, filho de Alexandre Manuel da Cunha Mattos e dona Isabel Theodora Cecília de Oliveira, nascido a 2 de novembro de 1.776, na cidade de Faro, reino do Algarve, e falecido a 2 de março de 1.839, na cidade do Rio de Janeiro.

E a análise, ainda que rápida, da vida deste extraordinário brasileiro, e mais do que isto, goiano nascido no reino de Algarve, por sem dúvida mostra, de novo, a presença destas duas palavras poderosas: amor e trabalho.

Ao falecer, como afirmado acima, ocupava o elevado posto de marechal de campo, além de ser vogal do Conselho Supremo Militar, comendador da Ordem de S. Bento de Aviz e oficial da Ordem do Cruzeiro. Sócio fundador e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, secretário perpétuo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, foi ainda sócio do Instituto Histórico e Geográfico da França, da Sociedade Real Bourbônica e da Academia Real de Ciências de Nápolis.

Manuseei com extremo respeito e fortíssima emoção, na cidade do Rio de Janeiro, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, os manuscritos, os documentos, as obras, os mapas, o documentário, enfim, a vida deste ser luminoso pela ação coerente e criadora. Fazia-me fremir o corpo o transporte espiritual para estas plagas de Goiás, nos longínquos anos de 1823 a 1826, quando o intrépido militar, primeiro no posto de coronel e depois no de brigadeiro graduado, serviu na importante comissão de governador das Armas da província de Goiás.

Vale, todavia, a pena, perpassar, mesmo que rapidamente, a caminhada deste espírito de escol.

Aos 14 anos assentou praça, como simples soldado, na Companhia de Artífices do Regimento de Artilharia do Algarve, onde estudou o curso de matemática pura e aplicada à artilharia. Começou efetivamente sua carreira no exército aliado hispano-lusitano, servindo na França, durante a Campanha de Rouxillon, seguindo, depois, como furriel de artilharia da marinha para as ilhas de São Tomé e Príncipe. Prestou ainda assinalados serviços na África ocidental e, proclamada a Independência do Brasil, executou diversas e delicadas comissões que o governo lhe confiou, entre as quais as de governador das Armas de Goiás e do Rio de Janeiro, sem se falar nas de diretor da Escola Militar e inspetor do Arsenal de Guerra.

Americano do Brasil, seu mais aprofundado biógrafo, no que tange às ligações e à proficua atuação em Goiás, declara, em trecho enternecedor:

> Li pacientemente, nos arquivos de Goiás, a longa e ilustrativa correspondência desta autoridade militar que reunia ainda os dotes de exímio beletrista aos de

> historiador, geógrafo e filósofo. A farta messe de escritos oficiais de sua abalisada autoria, a refletir linha a linha a grande alma do patriota, devia ter, pelo valor histórico e intelectual, melhor acolhida nas seções de manuscritos das bibliotecas do país...[4]

Sua atuação como comandante das Armas na verdade era multiforme, multivária, perpassando dos consertos de pontes e caminhos, da reconstituição das tropas, da abolição da discriminação entre brancos e pardos nos regimentos militares até a grave e séria preocupação com a administração pública e a fazendária.

Como haveria de reconhecer a posteridade, seu espírito polimorfo transitava por todos os meandros da administração, auscultando-lhe aspectos políticos, sociais, econômicos, sempre atento em fixar os fatos e sobre eles emitir seu parecer, com lógica inquebrantável.

Não é sem razão que, reconhecendo seu trabalho, a Academia Goiana de Letras o tem como patrono da cadeira nº 6.

Cunha Mattos, em ofício de 26 de fevereiro de 1825, ao Conselho Administrativo, no ano em que se elegera deputado, mercê de sua sinceridade, espírito de ordem, patriotismo e amor a Goiás, dizia, demonstrando não haver falseado o caminho do dever:

> Conservei os povos em paz felizmente contínua; não fiz extorsões, não dilapidei a Fazenda Pública; não devo um só real a pessoa alguma; respeitei os direitos dos homens; obedeci às autoridades nos pontos em que me podem fazer respeitáveis; mostrei-me constantemente bom brasileiro... Não me poupei ao trabalho, nos perigos fui o primeiro e nas privações não fui o último; como soldado, como filósofo e como historiador, tenho concorrido com todas as minhas forças para a glória da província de Goiás e minha consciência não me acusa de haver feito o menor mal.[5]

Tal inventário de intenções e de atitudes muito poucas autoridades podiam ou podem fazer.

Deságua com a força da sinceridade o seu amor por Goiás. Demonstra-se, com a evidência dos fatos, o seu incansável trabalho pelo engrandecimento da terra que elegeu como seu torrão natal. Só isto e tudo isto justificaria a homenagem que lhe prestou a Casa Maior das Letras em Goiás.

Mas não foi somente isto.

Cultor das letras, amante da história, da geografia, da filosofia, da cartografia, tantas e tão importantes foram suas produções que desusado seria, neste momento, revelá-las todas. Mas a resenha de alguns dos seus trabalhos poderá dar uma demonstração da qualidade de sua vasta produção intelectual: *Corografia histórica da Província de Goiás, Corografia histórica da*

Província de Minas Gerais, Corografia histórica das Ilhas de São Tomé, Príncipe, Ano Bom e Fernando, Memória da campanha do Sr. D. Pedro de Alcântara, Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, Itinerário (desde o Rio de Janeiro até os confins da Província de Goiás com as do Pará, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais, com um mapa), *Nomenclatura botânica* (nomenclatura científica em latim e português), *Carta corográfica plana das Províncias de Goiás e dos Julgados do Araxá, Questão política, Nova questão política* etc.

Bastariam, para deixar indelével o nome de Cunha Matos, o *Mapa da Província*, a *Corografia* e o *Itinerário*, sabido, como é, que o *Mapa* é estrutura e base da moderna cartografia e o *Itinerário* e a *Corografia* são praticamente inigualáveis.

Americano do Brasil encerra seu trabalho sobre Raymundo José da Cunha Matos, proclamando: "Se muito amou o Brasil, que ajudou a criar, com seu sangue ou suas fadigas, o coração deste patriota pertencia a Goiás, que idolatrou até à morte."[6]

Como se vê, senhores acadêmicos, amor e trabalho, mais uma vez, traçando os caminhos dos encontros e dos reencontros.

A cadeira, todavia, foi primeiramente ocupada por Dario Délio Cardoso, que tenho a elevada honra de substituir.

Substituir, digo eu, apenas obedecendo o ritual formalístico, porque ninguém substitui ninguém, na medida em que cada um é um universo inigualável, na medida mesmo em que a Academia confere a seus integrantes a imortalidade.

Dario Délio Cardoso é a figura típica do imortal, daquele que, na estrada por onde trilhou, espalhando as lições de seu ideal, deixou marcas que nem o tempo apaga nem o espaço confunde.

Goiano de Corumbá de Goiás, começou sua trajetória exemplar em 1922, quando foi nomeado amanuense da Secretaria Particular do Presidente do Estado, chegando a altas e honrosas funções de desembargador do egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. Professor catedrático da cadeira de Instrução Moral e Cívica do Liceu de Goiás, de Português na Escola Normal do Estado, de Direito Público e Constitucional na Escola de Direito do Estado, de Direito Constitucional na Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, membro e presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Goiás, cabendo-lhe organizar e instalar a Justiça Eleitoral no Estado. Ainda além disto, a Procuradoria Geral de Justiça do Distrito Federal, a Procuradoria Geral do antigo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, a assessoria

jurídica do Ministério da Educação, a presidência da Novacap, a Procuradoria da LBA, o Instituto dos Advogados de Goiás, de que foi dos primeiros participantes, o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, onde representou Goiás, sem se falar na Procuradoria Geral do Estado de Goiás, que também exerceu.

Como se isto não bastasse, pôs a serviço do Brasil e de Goiás a sua inteligência ímpar, realizando na política, que Rui Barbosa entendeu como arte, todo o desiderato de serviço e amor com que sempre pautou a sua vida.

Eleito senador da República, em 1945, integrou a Assembléia Nacional Constituinte, que elaborou a Constituição Federal de 1946, onde teve destacada atuação, mercê de seus sólidos conhecimentos em vários ramos do direito, notadamente o Direito Constitucional.

Dario Délio Cardoso, advogado, magistrado, jornalista, político, sua multivária atuação era a tradução feita e acabada de seu espírito inquieto e doador.

O ilustre acadêmico Dr. José Luiz Bittencourt, em memorável trabalho com o qual a Academia Goiana de Letras homenageou a memória de seu antigo membro, dissertou com o acerto que lhe é peculiar:

> No magistério universitário, sua cátedra foi a de Direito Constitucional. Professor de vocação não se fragmentou no ofício didático-pedagógico. Porfiou na transmissão da sua mensagem de jurista, economizando pouco ou nada de seu vasto cabedal de eruditos conhecimentos, versado que era nos meandros de todos os campos do direito. Dele se pode dizer, sem nenhum vexame, que foi, ainda mais, um magistrado escravo da lei, ou seja, "um técnico juridicamente social", um intérprete e aplicador da norma legal, que cumpre a vontade da lei elaborada pelo legislador eleito diretamente pelos cidadãos. Advogado, magistrado, parlamentar, repito, foi um homem de seu tempo, habilidoso na agudeza da fundamentação dialética e contra o qual, lembrando Camilo, não se podia atribuir a "diabetes do patriotismo". Uma doença que parece tão comum na arena política da modernidade brasileira.[7]

Membro fundador da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás, veio também a integrar a Academia de Letras e Artes do Planalto.

Publicou trabalhos jurídicos de exponencial valor como *A família* e *Formas de governo e Formas de Estado* (teses de concurso), além de *Mandato de segurança* e outros. Inúmeras condecorações e importantes missões no estrangeiro (Inglaterra e Estados Unidos da América do Norte).

Que mais, meus amigos, se poderia exigir para que constatado, corroborado e definitivamente assentado ficasse que Dario Délio Cardoso foi, ele também, um missionário do amor e do trabalho?

Senhores acadêmicos, meus amigos, eis-me aqui, perante vós, recebendo a unção da imortalidade, e respeito de um povo que se fez meu povo, minha alma e meu coração, na medida em que me receberam sem perguntar de onde, como ou por que. Apenas aguardando e ajudando para que.

Não vos posso, assim, ofertar menos do que amor e trabalho, primícias colhidas e entregues, com sinceridade e fé, no altar das intenções que se erige no horizonte do valoroso povo goiano.

Vós e os vossos primos me ensinaram isto.

Mas meu Pai e Criador já o houvera inculcado nos arcanos de meu espírito. O amor verdadeiro conduz ao trabalho e este aos resultados buscados. Sou imensamente grato a todos. Perdoai-me se omiti nomes. Indistintamente, a todos me inclino, respeitosamente, e agradeço, pois todos vós, de uma forma ou de outra, me abristes as portas deste cenáculo. Grandes e respeitáveis arquitetos que sois, admitistes no quadro um simples ajudante de pedreiro. No silêncio do tempo, porém, trabalharei a palavra, para imortalizar o amor.

Na oportunidade do fazer, o ensejo da meditação que reedita a lição de nossa insuficiência, quando nos julgamos absolutos, porque "quem remodela sem Deus, por mais que seja sábio é louco."[8]

Artífices da palavra, é necessário considerá-la sob seu justo valor, criatura e criadora que é. Enquanto instrumento expressional das figuras que nossas idéias elaboram, a palavra é criatura somente aparentemente sem valor próprio. Solta, todavia, no éter, se transmuda de criatura em criadora. Povoam o nosso mundo os seres que nossas palavras constróem, para nossa salvação ou perdição. Daí a extrema responsabilidade que temos ao manejarmos tão poderosa arma. Talvez por isto, confiada na delicada força da poesia, sutil e fatalmente ensinou Stella Maris de Figueiredo, em *Vana verba:*

A palavra
não é palavra
no dia a dia
a palavra
só é palavra
se poesia[9]

E, na introdução de *As flores do mal* de Charles Baudelaire, tenha Ivan Junqueira relembrado: *"Sois toujours poète, même en prose"*.[10]

As palavras que proferimos criam o ambiente em que vivemos. E nos tempos modernos, onde a palavra descuidada só é substituída pelos

incompreensíveis e esotéricos grunhidos do homem da era da comunicação tecnológica que não sabe falar, a tarefa dos escritores, dos poetas, dos homens de letras se torna cada vez mais gigantesca.

Eis a imortalidade acadêmica, que ao invés de um prêmio é um severo encargo. Porque quando este corpo usado e impróprio para continuar a jornada for abandonado sob a terra, restarão, imortais, as palavras que proferimos e os frutos que elas produziram. Serão de trevas ou de luz? Serão de dor ou de alegria?

Não foi sem razão que no maravilhoso poema "Cigarra", García Lorca estabeleceu a comparação genial da morte dos outros seres e da cigarra, assim:

Todo lo vivo que pasa
por las puertas de la muerte
va con la cabeza baja
y um aire blanco durmiente.
Con habla de pensamiento
Sin sonidos... Tristemente,
cubierto con el silencio
que es el manto de la muerte.
Mas tu, cigarra encantada,
derramando son, te mueres
y quedas transfigurada
en sonido y luz celeste.[11]

Amigos, de tudo que vi, que ouvi e que senti neste momentos, resulta uma conclusão lógica: a larguesa de vossos corações, a magnificência de vossa fraternidade, a bondade de vosso ser interior. Não há outra forma de explicar o maravilhoso da peça com que o meu eminente mestre José Luiz Bittencourt me recebeu neste sodalício. Elevou-me a alturas que jamais alcancei, a céus que não mereci, tudo como fruto sazonado de uma fiel e verdadeira amizade, que vejo estampada, graças a Deus, nos olhos e nos gestos de todos vós.

Constato, pois, que já será possível escapar do "abrasador sol do deserto das almas incompreendidas" e cantar, com toda propriedade, a imortalidade do amor,

sem medo
nem alarde,
feliz como a sombra
da tarde.[12]

Deus vos pague.
O Pai nos guie à verdadeira imortalidade.

NOTAS

1. LORCA, Frederico García. *Obras completas* tomo 1: Prelúdio, p.376.
2. PENA FILHO, Carlos. Para fazer um soneto. In: *Grandes Sonetos da Nossa Língua,* Seleção e Organização de José Lino Grünewald, p. 212.
3. Bíblia Sagrada. *Salmos*, cap. 34, versículos 4 a 6.
4. In: *Pela História de Goiás*, p. 139.
5. A e opus cit. p. 159/160.
6. A e opus cit., p. 168.
7. BITTENCOURT, José Luiz. Trabalho apresentado na Academia Goiana de Letras, p. 3.
8. LIMA, Getúlio Targino. Desespero da Volta. In: *Argamassa Poética de Libertação,* p. 24, livro inédito.
9. A. cit., Prêmio Cora Coralina, 1986 p. 20
10. A. e opus cit. p. 45.
11. A. e opus cit., p. 25.
12. LIMA, Getúlio Targino, *Universo de cada um*, p. 72, inédito.